

Convidei algumas pessoas para que me “seqüestrassem”.

Cada uma executaria o seu “seqüestro” da forma que bem entendesse. Pedi a elas que não me dessem nenhuma informação sobre os lugares para onde me levariam. Eu ficaria esperando por elas em algum lugar combinado. Ou então não combinaria nada. Quando chegassem, me vedariam os olhos e me levariam com uma câmera fotográfica e alguns rolos de filme. Poderiam fazer o que quisessem comigo, conquanto me deixassem fotografar a tudo, sem que eu nada visse. Só tiraria minha venda dos olhos quando estivesse de volta ao lugar de onde saíra.

Eu queria sentir o mundo apenas através do que estivesse ouvindo, cheirando, pegando, pensando. A visão sempre me parecera um sentido tirano com relação aos outros sentidos. Sem ela o mundo poderia ser então vários mundos; a realidade, várias realidades. Elas se cruzariam em infinitas possibilidades, que seriam apenas parcialmente desvendadas quando eu revelasse as fotografias. Na verdade o aparelho fotográfico seria não mais a extensão de meus olhos. Seria, antes, meus próprios olhos. Minha única possibilidade de reter a realidade em imagens reais estaria guardada nesse aparelho e, conseqüentemente, minha assimilação ou percepção imagética dessa mesma realidade seria adiada ou deslocada para o futuro: para quando esses filmes fossem enfim revelados.

Imediatamente após cada “seqüestro”, eu escreveria pequenos textos que certamente estariam impregnados de imagens produzidas pelas impressões de meus outros sentidos. Essa imagística, ou faculdade de imaginação, estaria livre da muitas vezes tirânica atuação da visão na percepção da realidade.

Feita a narrativa, o contraponto interessante seria a justaposição desta às fotografias “cegas” do “seqüestro”, enfim reveladas: o ato de fotografar sem ver

através de um aparelho mecânico e o ato de “fotografar” sem ver através de um texto gerado pela dinâmica dos outros sentidos.